

**Formas tradicionais de uso, manejo e percepção dos recursos vegetais no Litoral do Paraná: etnoconservação florestal da Mata Atlântica**

**Traditional forms of use, management and perception of vegetal resources in the Coast of Paraná: forest ethnoconservation of the Atlantic Forest**

Recebimento dos originais: 19/04/2018

Aceitação para publicação: 15/05/2018

**Jenifer Priscila de Araujo**

Mestranda em Desenvolvimento Territorial Sustentável

Instituição: Universidade Federal do Paraná

Endereço: Rua Jaguariaíva, 512 - Caiobá, Matinhos – PR, Brasil

E-mail: jeniferpri@yahoo.com.br

**Luiz Everson da Silva**

Doutor em Química

Instituição: Universidade Federal do Paraná

Endereço: Rua Jaguariaíva, 512 - Caiobá, Matinhos – PR, Brasil

E-mail: luiz\_everson@yahoo.de

**Wanderlei do Amaral**

Pós-doutor em Ciências Ambientais

Instituição: Universidade Federal do Paraná

Endereço: Rua Jaguariaíva, 512 - Caiobá, Matinhos – PR, Brasil

E-mail: wdoamaral@hotmail.com

**Marcos Silva Machado**

Mestre em Desenvolvimento Territorial Sustentável

Instituição: Universidade Federal do Paraná

Endereço: Rua Jaguariaíva, 512 - Caiobá, Matinhos – PR, Brasil

E-mail: marcosmsm2015@gmail.com

**RESUMO**

Este trabalho teve por objetivo descrever a importância do manejo de recursos vegetais no Litoral do Paraná às vistas do uso pelas comunidades locais. Efetuou-se um estudo etnobotânico para a compreensão acerca do manejo e conhecimento de espécies nativas. Partimos do pressuposto teórico dos significados atribuídos ao território e a construção do mesmo por meio da sua dimensão simbólica. A abordagem feita aos entrevistados foi de forma dialógica, seguindo um roteiro norteador. Neste roteiro, durante as conversas foram anotados e gravados com a devida autorização, dados referentes às plantas medicinais. O

trabalho identificou um grande número de espécies, sendo citadas 58 espécies com alguns usos. A partir das reflexões aqui expostas, acreditamos que seja possível fornecer subsídios para elaboração e direcionamento de estratégias de desenvolvimento e medidas de conservação na região, levando em consideração as formas de conhecimento tradicional sobre os recursos florestais e a sua influência para a preservação da integridade cultural e social deste ecossistema. Por fim, destacamos a relevância das populações tradicionais para a perpetuação do conhecimento e a conservação da biodiversidade local.

**Palavras-chave:** Territorialidade; Comunidades-Tradicionais; Etnoconservação-Florestal.

## **ABSTRACT**

This work aimed to describe the importance of the management of vegetal resources in the Coast of Paraná to the views of the use by the local communities. An ethnobotanical study was carried out to understand the management and knowledge of native species. We start from the theoretical presupposition of the meanings attributed to the territory and the construction of the same through its symbolic dimension. The approach taken to the interviewees was in a dialogical way, following a guiding script. In this script, during the conversations were recorded and recorded with the appropriate authorization, data referring to medicinal plants. The work identified a large number of species, with 58 species being mentioned with some uses. From the reflections presented here, we believe that it is possible to provide subsidies for the elaboration and direction of development strategies and conservation measures in the region, taking into account the forms of traditional knowledge about forest resources and their influence for the preservation of the cultural and social integrity of this ecosystem. Finally, we highlight the relevance of traditional populations for the perpetuation of knowledge and the conservation of local biodiversity.

**Keywords:** Territoriality; Traditional Communities; Forestry Ethnoconservation.

## **1 INTRODUÇÃO**

O litoral paranaense por um longo tempo tem sido foco de interesses comerciais devido aos seus atributos naturais. No decorrer do processo de globalização novos portos e empresas se instalam no litoral do Paraná sob a égide de desenvolvimento, mas distantes da preocupação com o meio ambiente. Nesse aspecto o uso desapoderado dos recursos pode gerar a escassez no ambiente natural. Como afirma Weber e Bailly “O crescimento equivale à tendência a produzir mais do que aquilo que foi gasto anteriormente (WEBER e BAILLY, 2002, p. 277)”. Esse procedimento leva ao desequilíbrio do ecossistema e resulta nos evidentes conflitos ambientais. Ademais, impactam de maneira negativa no bioma, alteram a paisagem e também influenciam diretamente nos modos de vida das

comunidades. Concordamos com Diegues ao afirmar que “A situação desses sistemas tradicionais de acesso a espaços e recursos de uso comum passou a ser ameaçada pelo processo relativamente recente de expansão urbano-industrial e abertura de novas fronteiras agrícolas (DIEGUES, 2002, p.415)”.

Nesta égide, este trabalho trata da investigação quanto ao uso e conservação da biodiversidade na Mata atlântica numa estreita relação com as práticas das comunidades e as formas de manejo dos recursos vegetais no litoral do Paraná. O enfoque principal é fornecer subsídios para elaboração e direcionamento de estratégias de desenvolvimento e medidas de conservação na região, levando em consideração as formas de conhecimento tradicional sobre os recursos florestais e a sua influência para a preservação da integridade cultural e social deste ecossistema.

## **2 DEBATE PRINCIPAL – REFERENCIAL TEÓRICO**

Para iniciar nossa discussão trazemos o conceito de povos e comunidades tradicionais. Os povos e comunidades tradicionais não são figuras do passado, estão mobilizados em um processo de transformação, no qual redefinem permanentemente suas relações com a natureza, não se limitando simplesmente a reproduções de tradições fixas (ALMEIDA, 2008). Estes sujeitos são protagonistas de comunidades dinâmicas que aparecem hoje envolvidas num processo de construção do próprio “tradicional”. Portanto, além de ser do tempo presente, o tradicional é social e politicamente construído (ALMEIDA, 2007). Barbosa e Porto-Gonçalves contribuem com o debate ao afirmarem que:

Ao se tratar do conceito de povos e comunidades tradicionais é necessário previamente desmistificar a interpretação que a palavra “tradicional” pode gerar devido à forma pela qual, por vezes, o uso do termo “tradicional” é apropriado pelo discurso hegemônico. No discurso hegemônico o “tradicional” passa a ser associado a concepções de imobilidade histórica, de atraso econômico ou até mesmo como algo ultrapassado, arcaico e conservador (BARBOSA & PORTO-GONÇALVES, 2006, pg. 17-18).

Uma importante dimensão das comunidades tradicionais é a sua relação com a natureza. É peculiar entre os povos tradicionais a maneira como os saberes associados à sociobiodiversidade estão diretamente relacionados com a (con)vivência das comunidades com a biodiversidade manejada. Esses saberes são transmitidos de geração em geração através da oralidade.

Deve-se considerar que as atividades vinculadas ao saber tradicional podem ser perdidas com a diminuição dessas atividades na região, sendo importantes estudos nessa área. Para Machado et al. (2010) torna-se possível identificar aspectos favoráveis e problemas da comunidade por meio de um diagnóstico preliminar da cultura tradicional. Nesse aspecto, a partir dessa identificação também é possível compreender suas aptidões e necessidades, o que supõem serem elementos necessários para cursos de capacitação, atividades de pesquisa, desenvolvimento e para projetos de infraestrutura. Por este fato, torna-se importante compreender as inter-relações entre os seres humanos, o saber tradicional, os recursos vegetais e suas territorialidades, pois esses fatores podem fornecer informações importantes e favoráveis para o desenvolvimento territorial e preservação do ecossistema.

Os ambientes naturais (ecossistemas) utilizados por comunidades tradicionais para coletados/captura de animais e plantas e também as áreas mais manejados onde são cultivados/criados em maior intensidade espécies da sociobiodiversidade local, fazem parte dos *Territórios Tradicionais*. A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) compreende os Territórios Tradicionais como os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária. Ou seja, os territórios tradicionais incluem os locais de moradia, espaços sagrados e os diversos ambientes onde se maneja a sociobiodiversidade.

Os povos e as comunidades tradicionais de todo o Brasil contam com as contribuições acadêmicas de instituições de pesquisa para fortalecer seus processos de luta por direitos e reconhecimento de sua tradicionalidade. As comunidades tradicionais do litoral do Paraná carecem de reconhecimento e ações de apoio por parte do Estado para promover o desenvolvimento dos seus territórios de maneira sustentável. Portanto, reconhecer as práticas tradicionais de manejo da biodiversidade e sua relação com o território tradicionalmente ocupado é uma maneira de contribuir academicamente com possíveis iniciativas de desenvolvimento sustentável dos territórios tradicionais.

Para Haesbaert (2008) o território não deve ser visto como um objeto em sua materialidade, mas sim com o reconhecimento da sua dimensão simbólica. O autor destaca a importância do território e da territorialidade a serem trabalhados em multiplicidade. A territorialidade se trata da forma como sociedade utiliza este espaço territorial, para fins de atividades comuns. "Portanto, todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em

diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar "funções" quanto para produzir "significados" (HAESBAERT, 2008, p. 21)". Torna-se relevante trabalhar o território as vistas da multiplicidade, pois a partir desta perspectiva se faz possível alcançar uma mudança benéfica e transformadora. "Pensar multiterritorialmente é a única perspectiva para construir uma outra sociedade, ao mesmo tempo mais universalmente igualitária e mais multiculturalmente reconhecadora das diferenças humanas". (HAESBAERT, 2008, p. 34).

A abordagem territorial, segundo Saquet (2009) é importante para potencializar projetos e programas de desenvolvimento com mais justiça social. Para isto é importante compreender como interagem os atores na construção do território.

No que se refere ao caráter social do território, é extremamente relevante identificar, demonstrar e explicar as mudanças e permanências, as desigualdades (ritmos), as diferenças, o processo histórico, enfim, aspectos das tramas efetivadas na forma de tempos e territórios, temporalidades e territorialidades, numa perspectiva de compreensão espaço-temporal-territorial destacando a combinação território-rede-lugar, por sua vez; centrada na conjugação entre heterogeneidade e traços comuns da vida cotidiana no *campo* e na cidade, no rural e no urbano. (SAQUET, 2009, P. 91).

“Com a noção de desenvolvimento territorial, as ciências sociais, assumindo uma perspectiva multidisciplinar e interdisciplinar, adquirem novos instrumentos visando reconhecer a importância do território, não só como uma realidade biofísica tangível, mas também como uma construção social (JEAN, 2010, p. 54)”. O território e o desenvolvimento se baseiam nas relações sociais e naturais que por vezes podem conter evidentes desigualdades. Nesse aspecto, o território é construído a partir ações cotidianas que estão relacionadas à gestão e ao desenvolvimento como um todo.

Segundo Sachs 1986, a conservação dos recursos naturais é parte integrante das estratégias do ecodesenvolvimento. No que se diz respeito ao desenvolvimento territorial, é de extrema importância pensar na conservação dos recursos vegetais existentes neste espaço para a sustentabilidade local. O conceito de preservar torna-se importante não somente para assegurar o fornecimento dos recursos vegetais, mas também para o progresso científico e industrial. A forma como essas espécies são utilizadas possivelmente representa um risco a conservação local.

A elevada biodiversidade nas florestas tropicais têm motivado vários estudos que buscam a compreensão dos mecanismos envolvidos, e soluções efetivas para o estímulo ao desenvolvimento. Assim, torna-se importante o estudo e estratégias sustentáveis voltadas ao

manejo florestal, vinculadas ao saber tradicional das comunidades locais, essas que residem no litoral paranaense e trazem consigo um vasto histórico e interpretação da utilização dos vegetais. “Nesse sentido, é importante analisar o sistema de representações, símbolos e mitos que essas populações constroem, pois é com elas que agem sobre o meio. É também com essas representações e com o conhecimento empírico acumulado que desenvolvem seus sistemas tradicionais de manejo. (DIEGUES *et al.*, 2000, p. 21)”.

No litoral do Paraná, há outras comunidades tradicionais que, mesmo não organizadas em um Movimento propriamente dito, se reconhecem e são reconhecidos pela sociedade por suas identidades específicas, por exemplo caiçaras, indígenas guaranis, quilombolas, cipozeiros. Todos estes povos/comunidades fazem uso da biodiversidade para o auto-sustento e/ou para geração de renda, desde plantas alimentícias e medicinais, pequenos animais, recursos pesqueiros, até, em uma escala maior, ecossistemas florestais, restingas, manguezais, estuários e do ambiente marinho.

Estas espécies e ecossistemas são manejados de diversas formas e intensidades, o que confere a esta biodiversidade um caráter peculiar, academicamente chamado de *sociobiodiversidade*. O manejo da biodiversidade realizado por estas comunidades tradicionais faz com que as espécies e ecossistemas não sejam apenas um recurso natural e “selvagem”, mas confere a esta biodiversidade um elemento a mais, da intervenção humana, por isso o prefixo “socio”. Este manejo varia desde a coleta de frutos e de parte de plantas, pesca e extrativismo em diversos ecossistemas naturais, até áreas cultivadas como quintais, hortas e roças, criação de pequenos animais e uso de técnicas para captura de peixes além da pesca, por exemplo, a prática do “cerco”.

Para Moura (2016),

os territórios tradicionais, assim como qualquer território, em suas diversas escalas se constituem através de relações de poder e enfrentam conflitos das mais diversas ordens. Os territórios tradicionais, em especial, carecem de reconhecimento por parte do Estado para que as comunidades possam continuar se reproduzindo cultural, social e economicamente. Mesmo havendo uma política nacional para tratar do assunto, os territórios tradicionais são constantemente ameaçados por projetos de desenvolvimento privados e mesmo por ações governamentais (MOURA, 2016, pg. 42).

No que cabe ao Estado, existem instrumentos de reconhecimento da tradicionalidade destas comunidades e de regularização de seus territórios, porém na prática a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais ainda não está sendo efetivada.

## 2.1 POPULAÇÕES TRADICIONAIS, UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E A EXPANSÃO RURAL

Em todo território brasileiro pode ser observado os problemas relacionados à expansão das atividades de produção e a imposição da remoção das comunidades tradicionais dos territórios conhecidos como Unidades de Conservação. Essas Unidades de Conservação (UCs) são áreas introduzidas para controle da biodiversidade no ambiente natural. Com a discussão referente às áreas protegidas, se evidencia um modelo onde há uma exclusão total das populações tradicionais tornando essas áreas desabitadas. Entretanto, a permanência dessas comunidades tradicionais expande as possibilidades dessas populações efetivarem o uso sustentável dos recursos naturais.

Assim, a existência de áreas sem populações humanas, dentro de um sistema de áreas protegidas, é relevante para a conservação da biodiversidade. Por outro lado, áreas com uso são também fundamentais, pois preservam práticas tradicionais de manejo, experimentam alternativas de uso sustentável e ampliam as possibilidades de conservação tanto no espaço quanto no tempo (BENSUSAN, 2006, p. 114).

O desaparecimento dessas comunidades afetaria a integridade da biodiversidade, uma vez que esse ambiente foi criado através de uma base cultural e social. “Se essas populações realmente viessem a desaparecer, ou a serem definitivamente removidas de suas áreas originais de ocupação, poderíamos esperar alterações na dinâmica de recomposição das florestas e na composição específica (ADAMS, 2000, p. 166)”.

Para Bensusan (2006), ignorar o cenário político e social nessas condições é pouco eficaz, pois se sabe que com a permanência do mau uso dos recursos naturais exteriormente às áreas protegidas, o futuro das unidades de conservação e da biodiversidade estará em risco. “- Além disso, estabelecer áreas protegidas sem levar em conta os problemas e direitos das populações locais cria conflitos e ressentimentos que, em última instância, ameaçam a integridade da biodiversidade que se quer conservar (BENSUSAN, 2006, p. 125)”.

Para Zhouri e Laschefski (2010), o território é um importante patrimônio para a comunidade e suas formas de produção e reprodução. “O deslocamento ou a remoção desses grupos significa, frequentemente, não apenas a perda da terra, mas uma verdadeira desterritorialização, pois muitas vezes a nova localização, com condições físicas diferentes, não permite a retomada dos modos de vida nos locais de origem, sem contar o desmoronamento da memória e da identidade centradas nos lugares (ZHOURI E LASCHEFSKI, 2010, p. 25)”.

Acrescenta que os povos pertencentes às culturas tradicionais começam a ser considerados herdeiros do saber, das visões do mundo, das técnicas e estratégias de produção, que nos vão permitir encontrar modelos de produção rural ecologicamente benéficos, dos quais necessitamos urgentemente (DIEGUES, 2000, p. 77).

Pereira e Diegues (2010) salientam a importância das populações tradicionais para a proteção das áreas naturais.

É importante ressaltar as populações tradicionais como importantes agentes para a proteção de áreas naturais e a necessidade que existe em protegê-los, visto que apresentam um dos modos de vida humana capaz de coexistir dentro de certo equilíbrio com a natureza. (PEREIRA E DIEGUES, 2010, p. 48).

“No Brasil, historicamente, tem-se construído as políticas para o rural a partir de uma lógica setorial, desconsiderando as diversidades e especificidades que compõem cada território (SANTOS E SAQUET, 2010, p. 207)”. Nesse sentido, há em vigor uma política falha para as questões relacionadas a respeito da territorialidade socialmente construída pelos indivíduos, pois muitas populações são retiradas para atender as necessidades vinculadas às atividades de produção no meio rural. Conseqüentemente, os problemas devido à expansão das movimentações comerciais e industriais continuam se desdobrando e desfigurando o território que faz parte da identidade das comunidades tradicionais.

Notoriamente, essas populações sofrem uma perda cultural irreparável, onde por sua vez, seus saberes são perdidos com as mudanças radicais do seu território. Claramente se faz necessários novos estudos que induzam a política local a efetivar práticas sustentáveis e conscientes, com ênfase em ambas as partes, tanto para o desenvolvimento local quanto para as populações tradicionais estabelecidas na região. O conhecimento cultural dessas populações é imprescindível para as práticas de uso sustentável, pois as comunidades perduram o seu saber contribuindo para a conservação da biodiversidade local.

### **3 LITORAL PARANAENSE E AS COMUNIDADES LOCAIS**

A presença dos sambaquis nas regiões costeiras do Brasil indica a presença de populações indígenas que se faziam utilizar dos recursos provenientes da natureza para sua sobrevivência, fossem em questões nutricionais ou no desenvolvimento da sociedade bem como a expansão de suas fronteiras na direção das florestas conforme o aumento populacional exigisse. Ao que se pode observar do trabalho de Posse (1978) em relação à densidade demográfica das populações indígenas na região litorânea do Paraná, seria possível estimar



um valor para a população se utilizando de técnicas de demografia retrospectiva, contudo o foco do presente trabalho não se estende a necessidade de um valor para populações ancestrais, mas sim fazer-se valer do fato de haver um longo histórico de interação entre o homem e a natureza na região do litoral paranaense.

A tese de Lima (1996) resgata o conhecimento etnobotânico em dez comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaraqueçaba. A APA está localizada no litoral norte do Estado do Paraná – Brasil com grande conhecimento da flora regional, estão distribuídas em 57 localidades. Onde foram obtidas informações de 323 plantas utilizadas na medicina popular representando 67,3% das citações. Nesta categoria, a família Asteraceae, com 35 espécies foi utilizada mais abundantemente. Utilizando o índice de similaridade de Jaccard, as comunidades de Guaraqueçaba, Serra Negra, Potinga e Morato respectivamente, podem ser classificadas como as detentoras de unia maior similaridade de informações etnobotânicas. Estas informações foram compiladas e devolvidas às comunidades por meio de cursos, palestras e uma apostila contendo 43 espécies medicinais citadas pela comunidade e confirmadoa utilização pela literatura científica. Em um estudo etnobotânico de Negrelle (2007), em duas comunidades rurais de Guaratuba (Limeira e Ribeirão Grande), para identificar plantas utilizadas na terapêutica popular, detectou-se que as comunidades estudadas tinham diferenças significativas entre os conhecimentos relacionados à plantas medicinais de acordo com a sua especialidade.

No seu trabalho com comunidades extrativistas do litoral paranaense Ferreira et al. (2010) notou-se que as autoridades estão bem fora da realidade sustentável destas comunidades, criando uma situação de conflitos ambientais por meio de um estado regulador e punitivo. O artigo demonstra que além da inexistência das políticas públicas, há total falta de integração e comunicação entre as comunidades e os órgãos de legislação, deixando essas comunidades sem assistência alguma em estado de vulnerabilidade.

O trabalho de Silva, et al.(2015), na região de Matinhos – PR, utilizando para pesquisa dez moradores rurais locais, foi constatado o uso de 80 espécies medicinais pertencentes a 48 famílias botânicas, dentre as quais, Lamiaceae foi a mais citada. A principal parte utilizada na preparação de chás é a folha e a preparação mais comum é a infusão. As espécies com maior número de citações são: *Chenopodiumambrosioides*L.(mastruz) e *Lippiaalba*(Mill) N.E.Br.(erva cidreira), também associadas ao maior número de usos terapêuticos.

Complementarmente foram feitas extrações de óleo essencial por hidrodestilação. Em outro trabalho nesta mesma linha de pesquisa, porém do outro lado do país.

Santos, (2016) em sua Dissertação de Mestrado as Dinâmicas de Conflitos Socioambientais: O Caso da Localidade do Salto do Parati Entorno do Parque Nacional de Saint- Hilaire/Lange, Paraná. Esse trabalho faz uma análise dos conflitos socioambientais, na localidade do Parati município de Guaratuba-PR, dentro da área de conservação, entrevistando algumas famílias e representante de órgãos públicos com atuação na região. O trabalho foi elaborado com base em pesquisa documental, literaturas afins e entrevistas semi-estruturadas com visitas a campo, constatando que além dos conflitos existentes a comunidade enfrenta diversos problemas como a falta de Saúde, Educação, Saneamento básico e Segurança, desta forma também se agrava o esvaziamento da comunidade.

#### **4 ELEMENTOS METODOLÓGICOS**

Área de estudo: comunidades do entorno do Parque Nacional de Saint-Hilaire/Lange, localizado no litoral do estado do Paraná. “O Parque Nacional Saint-Hilaire/Lange está localizado na porção sul do litoral do Estado do Paraná, abrangendo parte dos municípios de Matinhos, Guaratuba, Morretes e Paranaguá, ocupando uma área de, aproximadamente, 25.000 hectares. (BUZZATO, 2009, p. 26).

A abordagem etnoecológica sobre o uso dos recursos vegetais pela comunidade estudada no Litoral Paranaense resulta de uma pesquisa de caráter descritivo-explicativo e quantitativo. Por meio dos pressupostos da etnobotânica, são analisadas as relações entre a população residente na comunidade e os recursos vegetais.

As técnicas utilizadas para o desenvolvimento desse trabalho foram: contato inicial com a comunidade e com os informantes/parceiros da pesquisa; entrevistas estruturadas e semi-estruturadas com perguntas fechadas e/ou abertas, com anotações durante relatos e gravações, abordando aspectos do uso dos vegetais em áreas de manguezal, anotações em caderneta de campo, contemplando inclusive a história da comunidade, relatada pelos informantes, percurso de trilhas no ambiente em companhia de informantes, para observação e coleta in loco das plantas referidas pelos informantes, identificação botânica e incorporação ao herbário da UFPR, registros fotográficos e filmagens. A amostragem e seleção dos

informantes para o estudo foi realizada segundo a técnica Bola de neve. Os informantes-chave reconhecem mosaicos de unidades de paisagem, com biodiversidade e dinâmicas próprias.

#### 4.1 COLETA DE DADOS

Uma das principais características do estudo etnobotânico são a intervenção e o contato direto com as populações, buscando uma aproximação e uma vivência que permita criar uma confiança e cumplicidade destas pessoas. Assim podemos ter contato com o conhecimento da relação dos homens com as plantas e de toda a biodiversidade existente no local.

A abordagem aos entrevistados em forma de diálogo, seguindo um roteiro previamente estabelecido neste roteiro, além das informações sobre a identificação dos entrevistados. As conversas foram anotadas e gravadas com a devida autorização, dados referentes às plantas medicinais e demais usos da biodiversidade no meio em que vivem e a origem destes conhecimentos, sendo esta uma prova da transmissão oral dos conhecimentos adquiridos. As entrevistas tiveram uma duração média de 2 horas dependendo da disponibilidade dos entrevistados e acordos prévios com as famílias.

No período de janeiro de 2016 e abril de 2017 foram feitas entrevistas semi-estruturadas com moradores das comunidades pesquisadas no município de Guaratuba-PR, dentro da Baía de Guaratuba, os informantes envolvidos foram abordados segundo a metodologia “bola de neve” (BERNARD, 1995), desta forma com a indicação dos informantes, também chamados aqui de entrevistados, chegamos aos demais informantes na comunidade e entorno detentores de utilizações de plantas, tanto para fins terapêuticos, alimentícios (PANC's), entre outros usos.

Esta técnica de pesquisa chamada de bola de neve é uma amostragem não probabilística onde os indivíduos selecionados para serem estudados convidam novos participantes da sua rede de amigos e pessoas a que tem contato. O nome de “bola de neve” foi justamente dessa ideia, do mesmo modo que uma bola de neve rola ladeira a baixo, cada vez mais ela aumenta seu tamanho, do mesmo modo isto ocorre com essa técnica amostral, ela vai crescendo à medida que os indivíduos selecionados convidam novos participantes. A bola de neve é usada com frequência para acessar a populações com poucas pessoas e indivíduos de difícil acesso por parte do pesquisador.

#### 4.2 TRABALHO DE CAMPO

Para alcançar os objetivos propostos, utilizaram-se alguns instrumentos para coleta de dados. Fez-se inicialmente um levantamento bibliográfico, partindo da análise de artigos, relatórios e dissertações que tiveram como referência o litoral do Paraná. Buscaram-se também as publicações em torno da temática.

Foram realizadas visitas prévias às localidades para a identificação dos informantes para coleta de informações sobre a comunidade e acertos quanto ao apoio logístico. As espécies vegetais citadas pelos moradores foram inseridas pelos pesquisadores de acordo com a utilidade apresentada pelos informantes para a análise dos dados.

Para a coleta de dados foi utilizado o método das visitas, na qual o consentimento e a disponibilidade dos informantes se estipularam visitas periódicas semanais ou quinzenais, onde se levantou junto à família entrevistada por meio de indagações, quais os raizeiros, benzedeiros, curandeiros (as) e mateiros que tem conhecimento de uso de plantas não convencionais, tanto para os tratamentos medicinais, como também os demais usos no seu dia a dia, que foram transmitidos oralmente por seus antepassados.

Com os dados iniciais levantados, verificou-se a disponibilidade de cada um transmitir seus conhecimentos sobre o tratamento de doenças por meio e da utilização da flora local, utilização de repelentes naturais, na alimentação e demais utilizações.

Os dados da pesquisa foram coletados de uma amostragem intencional não probabilística (ALENCAR, GOMES, 1998), de maneira que os informantes foram selecionados de acordo com indicações de membros das comunidades da área de estudo, sendo todos informantes relevantes à pesquisa, (raizeiros, benzedeiros, mateiros), sendo estas pessoas chaves para a comunidade.

### 5 RESULTADO E DISCUSSÃO

Como resultado das entrevistas com os informantes, apresentamos o conhecimento acumulado sobre diferentes espécies e seus respectivos usos, conforme a tabela 1.

Tabela 1. Espécies Etnobotânicas citadas pela comunidade do Parati e entorno, Guaratuba, PR, 2015/ 2016.

Nome popular	Família	Nome científico	Frequência das citações	Número correspondente ao nome do entrevistado	Usos citados pelos entrevistados
ABACATE	Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	1	2	Fruto utilizado na alimentação, caroço ou semente seca, rala e utiliza para fazer um chá com água fervente deixa esfriar e toma uma vez por dia. Pode ser manejada.
ABACAXI DO MATO	Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merrill	1	1	Serve como suco, ferver a casca ou em fatias e através de infusão sem açúcar serve com ação digestiva, tomar morno. Pode ser manejada
ABRICÓ DO MATO	Sapotaceae	<i>Mimusops elengi</i> Linn.	1	16	Fruto em natura e o leite dele quando não bem maduro pode ser usado como cicatrizante tanto para machucadura como picada de mosquito. Pode ser manejada
ALFAVACA	Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i> Linn.	7	6; 13; 14; 17; 19; 21; 24	Pode ser usada como tempero para peixes, é utilizado como repelente natural para alguns insetos, suas folhas através de infusão servem para febre e dor no fígado. Com a infusão das folhas ainda se pode fazer gargarejo para dor de garganta. Pode ser manejada
APOAIA	N.I.	N.I.	6	1; 4; 5; 6; 8; 11	Febre, feito tanto das folhas quando da raiz. Somente no mato
ARAÇATINGA	Myrtaceae	<i>Myrcianthes gigantea</i> Legr.	3	5; 6; 10	Fruta in natura, colocar na pinga.

					Somente na mata
<b>ARITICUM DO MATO</b>	Annonaceae	<i>Rolinasylvatica</i> Mart.	1	3	Fruto em natura come a poupa descartando as sementes Somente na mata
<b>ARRUDA</b>	Rutaceae	<i>Rutagraveolens</i> Linn.	3	2; 4; 8	Infusão das folhas pode fazer chá para combate de piolhos, repelente e da infusão pode-se lavar feridas infecciosas, serve para passar com um pano na casa para repelir insetos. Pode ser manejada Obs: pode ser abortiva
<b>ARTEMISIA</b>	Asteraceae	<i>Artemisiavulgaris</i> Linn.	1	1	Ornamental plantada ao redor das casas, infusão das folhas pode ser usado para repelir traças, serve como tempero para aves. Pode ser manejada.
<b>BABOSA</b>	Asphodelaceae	<i>Aloearborensis</i> Mill.	10	1; 2; 12; 15; 16; 17; 19; 21; 23; 24	In natura cortando ao meio sua seiva ou poupa gelatinosa em cima de feridas, queimadura pode aliviar a dor e com ação cicatrizante, sua seiva ainda pode ser usada como xampu para caspa e fortalecer o cabelo. Bate babosa com a couve para aliviar as consequências de úlceras Pode ser manejada
<b>BACUPARI</b>	Clusiaceae	<i>Graciniagardneriana</i> (Planch. &Triana)	4	3; 5; 8; 22	Fruta in natura, para colocar na cachaça, fruta muito saborosa, só da dentro do mato. Só no mato
<b>BOLDO</b>	Lamiaceae	<i>Plectranthusbarbatus</i> Andr.	11	1; 4; 6; 8; 13; 14; 17; 19; 21; 23; 24	Chás com a infusão das folhas para problemas digestivos Obs: se tomar em excesso pode ser tóxico

<b>BUCUVA</b>	N.I.	N.I.	3	11; 18; 20	Semente pode ser utilizada para fazer fogo, batendo uma na outra Salto de informantes. Não consegui achar na mata.
<b>CAMBUCA</b>	Myrtaceae	<i>Pliniaedulis</i> (Vell.) Sobral	2	11; 20	Alimento, utilizada a fruta em natura Também colocada na pinga Somente na mata
<b>CAPIM SANTO</b>	Cyperaceae		2	12; 24	Infusão de raiz, pode ser usado todo, usado para infecções do útero, mioma infecções urinarias. Achado nos gramados de algumas casas na comunidade
<b>CARÁ</b>	Dioscoreaceae	<i>Dioscoreasp.</i>	10	1; 2; 4; 5; 6; 8; 10; 11; 13; 14	Alimento assado ou ensopado, da para fazer pão, e quando cortado em rodelas tem uma baba que pode ser usado para tirar a febre de ferimentos. Pode ser manejada
<b>CARÁ ESPINHO</b>	Dioscoreaceae	<i>Dioscorea altíssima</i> Lam.	4	1; 4; 6; 8	Alimento, uma batata de baração, a coleta é feita no mato em morros no inicio do verão. Nativa, somente na mata.
<b>CEBOLÃO DO MANGUE</b>	Armarylidaceae	<i>Crinumamericanum</i> Linn.	7	1; 4; 5; 6; 8; 10; 11	A fervura da batata, do rizoma com parte de raiz serve para câncer de estomago (rico em alcalóides) fervura da semente câncer de pele, serve também para hemorroidas. Obs: bebida extremamente amarga, difícil de tomar, três vezes ao dia. Somente nativo de áreas de mangue, braços de rio de influencia de estuário.
<b>CHAPÉU DE COURO</b>	Alismataceae	<i>Echinodorusmacrophyllus</i> (Kunth) Micheli	5	1; 2; 4; 8; 13	As folhas em infusão para beber para reumatismo e infecção de juntas, depois de frio pode também fazer lavação. Também coloca no álcool para fazer esfregação.

					Manejada.
<b>CIDREIRA DO MATO</b>	Chloranthaceae	<i>Hedyosmum brasiliense</i> Miq.	9	1; 2; 4; 5; 6; 8; 10; 11; 13; 14	Folha in natura, utilizada para febre insolação (sinusite, analgésico) esquenta a folha retirada da arvore, esquenta numa chapa de fogão para ativar ou fricciona com as mãos e põe diretamente na testa ou na nuca, com um pano ou boné fixa no loca. Também conhecido como chá de bugre, pode ser tomado com a infusão das folhas para pedra no rim.
<b>ENGA</b>	Fabaceae	<i>Ingasp.</i>	7	4; 5; 6; 8; 10; 11; 14	Utilizado como fruta, nativa do mato, existe vários tipos de enga mel, macaco, amarelo etc.... Somente na mata
<b>ERMESTICA</b>	N.I.	N.I	3	11; 18; 20	Utilizado a seiva da arvore para fazer fogo, utiliza como vela, pode ser colocado na pinga.
<b>ERVA DE LAGARTO</b>	Salicaceae	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	3	1; 2; 4	Utilizado a infusão da planta toda (uma gramínea) para beber reumatismo e fazer banho do local Nativa
<b>ERVA SANTA MARIA</b>	Amaranthaceae	<i>Dysphaniaambrosioides</i> Linn.	1	1	Infusão das folhas para fazer banho de infecções, para as mulheres fazerem banhos íntimos no caso de infecções externas. Pode ser manejada
<b>ESTOPA</b>	N.I.	N.I.	3	5; 11; 20	Utilizada como madeira para construir e fazer artesanato, madeira mole fácil de moldar. Somente no mato
<b>FIGATIL</b>	Asteraceae	<i>Vernoniacondensata</i> Baker.	1	1	Infusão das folhas para tratamento na má digestão Pode ser manejada



<b>FIGUEIRA GOIABA</b>	Moraceae	<i>Ficus gomelleira</i> Kunth.	4	5; 11; 18; 20	Da um figuinho do mato e sua madeira também pode ser utilizada na construção, e como lenha segundo dizem queima até verde. Nativa
<b>GARUVA</b>	Lauraceae	<i>Cinnamomumglaziovii</i> (Mez.) Kosterm	4	5; 11; 18; 20	Madeira de lei, utilizada antigamente para fazer canoa de um pau só de grande duração, era uma canoa bastante cobiçada, existem canoas desta madeira na comunidade com mais de cem anos. Pode ser manejada.
<b>GELOUZINHO</b>	Polygalaceae	<i>Caamembecalauréola</i> (A. St.-Hil. &Moq.)	1	1, 4, 5, 6	Utilizar raízes, para machucados passando como parta macerada, ou fazendo um xarope com mel o reduzindo no fogo. (lambe lambe) Nativa encontrada em áreas de sub-bosques
<b>GENGIBRE</b>	Zingiberaceae	<i>Zingiberofficinale</i> Rosc.	8	1; 2; 12; 15; 16; 19; 23; 24	Utilizado como tempero e pode ser usado o chá da sua raiz, como auxiliar nas dores de garganta um forte antibactericida e utilizado para fazer sucos. Na comunidade tanto foi encontrado o normal quanto o anão, pode ser manejado.
<b>GUACO</b>	Asteraceae	<i>Mikaniaglomerata</i> Spreng.	10	1; 2; 12; 15; 16; 17; 19; 21; 23; 24	Infusão das folhas utilizado para gripe tosse, tomado quente como chá ou diluído em um litro de água para ser tomado frio durante o dia. Faz também um lambedor (xarope) com mel.
<b>GUANANDI</b>	Calophyllaceae	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	4	5; 11; 18; 20	Madeira de lei, utilizado para construção, antigamente se fazia taboas, no mato existem varias espécies, felpudo do brejo etc... Pode ser manejado
<b>GUAPURUVU</b>	Fabaceae	<i>Schizolobiumparahyba</i> (Vell.) Blake.	4	5; 11; 18; 20	Era utilizada para fazer a canoa de um pau só, de fácil identificação no mato por perder as folhas no inverno. Utilizada para fazer canoa, mas considerada uma madeira de buracão pequena.

					Nativa mas pode ser manejada
<b>GUAJAVA (GOIABA)</b>	Myrthaceae	<i>Psidiumguajava</i> Linn.	4	5; 11; 18; 20	Construir, madeira fácil para moldar e de duração longa. Nativa da mata
<b>GUINÉ</b>	Phytolaccaceae	<i>Petiveriatetrandra</i> Gom.	6	1; 4; 5; 6; 11; 12	Quanto utilizada como planta em volta de casa também funciona como repelente. Pode fazer também um incenso com a maceração de suas folhas queimando com carvão funciona como forte repelente de insetos.
<b>HORTELÃ</b>	Lamiaceae	<i>Menthaspicata</i> Linn.	6	1; 7; 9; 12; 19; 23	Suas folhas utilizadas em infusão para beber para calmante auxiliar no sono, digestivo e vermífugo. Pode ser manejada como aromatizante e repelente Pode ser manejada
<b>IMBICURU</b>	N.I.	N.I.	4	5; 11; 18; 20	Construir
<b>JABUTICABA</b>	Myrtaceae	<i>Plinia cauliflora</i> Mart.	4	2; 4; 8; 14	Fruta in natura, fazer geléias, chá da casca da fruta para o combate a diarreia e colocada na pinga também. A Sabará que existe na comunidade só da no mato embora as enxertadas possam ser manejadas.
<b>JABUTITANA</b>	Iridaceae	<i>Eleutherinesp.</i>	1	19	Ferve o bulbo para diarreia e as folhas infusão com hortelã para febre Flor amarela
<b>MAÇARANDUVA</b>	Sapotaceae	<i>Manilkarahuberi</i> Ducke	6	1; 4; 5; 6; 8; 11	Fruto in natura coloca na pinga Na mata

<b>MENTRUZ DO MATO</b>	Brassicaceae	<i>Coronopusdidymus</i> Linn.	1	3	Pode ser usado cru na salada problemas estomacais Infusão no álcool para esfregar nas torções e dores nas juntas. Pode ser manejado
<b>MILOME</b>	Aristolochiaceae	<i>Aristolochiatriangularis</i> Cham.	3	11; 15; 18	Faz garrafada, misturada com outras ervas e misturada com pinga e feito em determinado dia santo serve para inflamações e dores reumáticas, e dizem curar picada de cobra. Somente encontrado no mato Na mata.
<b>PALHA DE COBRIR</b>	Arecaceae	<i>Geonomaschottiana</i> Mart.	4	4; 6; 8; 10	Palha, trancada para fazer esteiras utilizada na cobertura de casas, também é utilizada para fazer artesanatos e ornamentos Nativa somente no mato
<b>PAU DE ÓLEO</b>	Fabaceae	<i>Copaiferatrapezifolia</i> Hayne.	6	1; 4; 5; 6; 8; 11	Era utilizado antigamente como combustível para lamparinas, também pode ser esfregado em torções. Nativo da mata.
<b>PAU VIGARIO</b>	Fabaceae	N.I.	4	5; 11; 18; 20	Utilizado como madeira de lei para construção, também pode ser utilizado para fazer canoa.
<b>PENICILINA</b>	Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliiana</i> (L.) Kuntze.	7	1; 2; 6; 8; 10; 13; 23	Pode fazer chá fazendo infusão com as folhas para infecções ou macerar as folhas e colocar no local como emplasto quando machucadura. Pode ser manejada
<b>PICO PICO</b>	Asteraceae	<i>Bidens pilosa</i> Linn.	6	1; 4; 6; 10; 13; 22	Infusão da semente ou flor para banhar a criança quando com amarelão e beber quando morno.

					Nativo de sub-bosques.
<b>POAIA</b>	Rubiaceae	N.I.	1	1	Febre
<b>PONTO ALIVIO</b>	Asteraceae	<i>Achillea millefolium</i> Linn.	6	1; 4; 6; 7 9; 13	Infusão com as folhas para beber, dores no peito, calmante baixa a pressão. Pode ser manejado
<b>QUEBRA PEDRA</b>	Euphorbiaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> Linn.	5	1; 2; 4; 8; 13	Infusão com folhas e raízes para beber, para os rins e pedra nos rins. Pode ser manejada
<b>SABUGUEIRO</b>	Adoxaceae	<i>Sambucus australis</i> .	6	1; 4; 6; 19; 23; 24	Pode ser usado para beber quando morno fazendo infusão das suas folhas e lavar problemas de pele e irritações (erisipela). Algumas pessoas podem ser alérgicas Pode ser manejada
<b>SALVIA DO MATO</b>	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> Mill.	6	6; 7; 8; 9; 19; 24	Repelente para insetos quando plantada em volta da casa, suas folhas podem ser guardadas no meio das roupas para espantar as traças. Como infusão das folhas também pode-se beber para fazer a digestão Pode ser manejada
<b>TABOA PIRI</b>	Typhaceae	<i>Typhadomingensis</i> Pers.	2	1; 25	Utilizada para fazer artesanatos, trançar esteira cestos nativa de lugares perto da água No mato, não manejada.
<b>TAIÁ</b>	Araceae	<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott.	11	1; 2; 4; 5; 6; 8; 10; 11; 13; 14; 25	Utilizado como batata na alimentação, suas folhas novas podem ser refogadas e utilizadas em outros pratos (taioba), seu caule pode ser aferventado cortado em rodela e consumidos como salada quente (se assemelha a aspargo)

					Pode ser manejada, existem varias espécies.
<b>TANCHANGEM</b>	Plantaginaceae	<i>Plantagoaustralis</i> Lam.	8	1; 2; 3; 5; 8; 11; 13; 25	Suas folhas podem ser utilizadas como salada crua e infusão das sementes e folhas para dor de barriga, gases e combate o câncer. Pode ser manejada
<b>TUCUM</b>	Arecaceae	<i>Bactrissetosa</i> Mart.	7	1; 2; 5; 6; 8; 11; 14	Pode ser utilizada como fruta, comendo a parte que envolve a semente que também pode ser quebrada e consumida a amêndoas em natura (gosto de coco) E torrada a amêndoa e fazer uma bebida parecida com o café, como foi descrito nesta Dissertação.
<b>UMBIGO BANANA</b>	Musaceae	<i>Musa spp.</i>	4	1; 2; 4; 8	Pode comer a banana em natura que sai do umbigo, ou aferventar o umbigo, retirar umas quatro cascas e picar a parte branca como salada. Pode ser manejada (o gosto se assemelha ao palmito)
<b>URUCUM</b>	Bixaceae	<i>Bixaorellana</i> Linn	6	1; 4; 5; 6; 14; 25	Pode ser usado na culinária macerando as suas sementes que ficam dentro do fruto, como coloral, na roupa como corante e também sua tintura era utilizada pelos índios não somente para ornamentar o corpo, mas como repelente e protetor da pele. Pode ser manejado

Fonte: Os autores (2018).

Após uma revisão sobre trabalhos já realizados na área foram encontradas algumas outras finalidades para as mesmas plantas citadas durante a pesquisa. O *P. americana* (Abacate) é utilizado pela comunidade estudada para uso alimentar, sendo realizadas suas sementes o chá para tratamento de dores estomacais. Em um trabalho, de cunho etnobotânico, realizado por Giraldi (2010), foi identificado nesta mesma espécie uso similar, estendendo-se para má digestão, vômitos, gases e como laxante.

A espécie *A. comosus* (Abacaxi do mato) é utilizado pela comunidade como um laxante natural, fervendo-se a casca ou fatias da fruta, realizando uma mistura com um pouco de açúcar e se consumindo ainda morno. Na comunidade estudada por Giraldi (2010), a mesma fruta era ainda utilizada como vermífuga, para tratamento de frieira, sarampo, sarna e demais enfermidades de pele.

O Abricó do mato (*M. elengi*) é uma espécie muito conhecida pelas comunidades que vivem na Mata Atlântica, e tem poder cicatrizante, apresentando ainda atividades antimicrobianas e antiparasitárias. Na odontologia é estudado como cicatrizante bucal, devido a sua ação rápida sendo ideal para ser utilizado na mucosa que é uma área extremamente sensível como destaca Umpierre(2011); Leite, (2015); Vieira (2015); Santos (2015).

A Arruda(*R. graveolens*) assim como o *M. elengi* (Abricó do mato) é uma espécie muito conhecida, contudo, destaca-se pelo grande leque de funções que assume pela comunidade, servindo como proteção contra mau olhado ou para espantar bruxas, como também identificado por Giraldi (2010). Além desse usos religiosos também é usada para enfermidades gastrointestinais, dores no rim, pedra na vesícula, regulador da menstruação, dores de parto, dor no lado direito da barriga e dores em geral pelo corpo (MOREIRA, 2002).

A *A. arborensis* (Babosa) é utilizada pela comunidade, *in natura*, para tratamento de queimaduras, alívio de dores e como cicatrizante, a sua seiva ainda pode ser usada para aliviar úlceras e como xampu. Vendruscolo (2006), ao trabalhar com comunidades tradicionais encontrou algumas outras utilizações para a mesma espécie, sendo estas, tratamento de bronquite, melhora da imunidade, gastrite, evitar ou controlar queda de cabelo, ulcera e tratamento de inflamações em geral.

A espécie conhecida com Boldo (*P. babatus*) usado pela comunidade para tratar problemas digestivos também é usado para tratamento de intestino preso, dor no estômago, dor de barriga, diarreia, gastrite, enjôo, induzir vômito, gases, má digestão, congestão, queimação no estômago, purgante, laxante pela comunidade estudada por Giraldi (2010).

A espécie conhecida como Chapéu de couro (*E. macrophyllus*) é utilizado pelos moradores para realização das chamadas esfregações, para tratar de doenças de pele. Souza (2006) encontrou na comunidade em que trabalhou utilização similar. Em seu relato os moradores utilizam o chá da planta como depurativo, para tratamento de reumatismo e de sífilis.

Ainda segundo Souza (2006), com a planta *C. sylvestris* (Erva de lagarto) é feito o chá para tratamento de sífilis, depurativo do sangue, diminuir febre e cicatrizante. Na comunidade de estudo esta mesma planta é utilizada para o tratamento de reumatismo.

Outra espécie bastante utilizada na comunidade, como ingrediente das chamadas garrafadas é o *A. triangularis*, que para a comunidade estudada por Giraldo (2010) é utilizado para tratamento de colesterol alto, diabetes, hepatite, sarampo, malária e como auxiliar para emagrecer, além de torções no joelho e ossos quebrados.

Na comunidade de estudo da *A. triangularis* (Milome) é retirada a seiva para se utilizar como óleo de lampião, e para esfregação em torções. Sobrinho (2011) e Rodrigues (2002) encontraram nas comunidades onde trabalharam que a mesma espécie era, nestas comunidades, utilizada para construção e sua madeira era usada como combustível, não mencionando em nenhum momento a utilização da seiva.

*B. pilosa* (Pico pico) é utilizado na comunidade para tratar doenças de pele, ou alergias, sendo feito o chá com as sementes ou flor da planta, e colocado diretamente no local, mais especificamente, a comunidade o utiliza para tratar amarelão em crianças. O *Sambucus australis*. (Sabugueiro) é utilizado para tratar alergias e doenças de pele pela comunidade. Souza (2006), por sua vez, encontrou que esta mesma planta é utilizada para o tratamento de sarampo e escarlatina. Giraldo (2010) encontrou na comunidade onde trabalhou esta planta sendo utilizada para enxaquecas, inflamação, fraqueza, ressaca, hemorroidas, amarelão, dor de dente, antibiótico e febre.

Na comunidade a *T. domingensis* (Taboa piriri) é utilizada como matéria prima para artesanatos e confeccionar covos para captura de peixes. Contudo, Kinupp (2008) identificou através de seu trabalho, que o palmito desta espécie apresenta elevados teores proteicos, servindo como fonte de alimento.

*P. australis* (Tanchagem) é utilizada como chá para o tratamento de dor de barriga, gases e câncer, contudo, de acordo com Giraldo (2010) esta mesma planta é utilizada para dor nos rins, infecção nos rins, cistite, pedra nos rins, pedra na vesícula, cólicas menstruais, regular a menstruação, induzir a menstruação, útero baixo, gripe, resfriado, friagem, tosse, catarro, sinusite, bronquite, asma, garganta e rouquidão.

O urucum (*B. arellana*) é utilizada como tempero na culinária, também serve como corante vermelho comestível, é usada para tingir roupas e a pele, os índios da região utilizavam-na para adornos e protetor de pele. O trabalho realizado por Moraes (2005) encontrou as mesmas utilidades, sendo que alguns povos indígenas construía m móveis com a madeira desta árvore.

Diante destas abordagens descritas e sabendo das relações específicas que os grupos estabelecem com as plantas e seus recursos naturais, percebe-se que os moradores das comunidades tradicionais, estão tornando este lugar mais do que terra, eles têm empreendido esforços no sentido de valorizar o sistema local, e as dinâmicas e especificidades emanadas do território com sua cultura, história e identidade. Suscitando características comuns que os identificam como um grupo social pertencente ao território.

A pesquisa ainda trouxe outros elementos. Tendo em vista a tabulação dos dados chegou-se aos números de 260 citações, de 58 espécies diferentes com diversos usos como demonstrado na tabela 1, de plantas entre homens e mulheres sendo que deste total 35% destas citações foram informadas por mulheres e 65% por homens. Com base nas entrevistas as categorias, medicinal e alimentar são aquelas que apresentam o maior número de espécies citadas.

As mulheres têm valor histórico e cultural ao se considerar a tradição alimentar de uma região (OLIVEIRA & DALCIN, 2008) e o estudo etnobotânico de plantas medicinais permite uma melhor compreensão do papel da mulher como responsável pela saúde da família e, por sua segurança alimentar. Entretanto, conforme os dados recolhidos têm um maior número de citações de espécies pelos homens.

Pudemos observar que as mulheres não tiveram significativas citações de planta ligada à construção, evidenciando que esta prática é restrita aos homens. Atribuímos isso ao perfil da comunidade. Os homens sempre estiveram empenhados no trabalho de construção de casas ou de barcos para pesca e a caça, que hoje não é mais uma prática na comunidade.

Os dados revelam que a flor é utilizada em apenas 2% do total, assim como a utilização da planta inteira com 2% dos relatos. A seiva e tubérculo 4%, sementes 5 %, caule 6 %, frutos utilizados na alimentação somam 11%, raiz 13 % (raiz e tubérculo se confundem, mas procuramos ser fiéis aos dados informados). Observou-se também que o chá é uma das principais formas de preparo das plantas utilizadas medicinalmente, sendo as folhas a parte da planta mais utilizada, representando 41 %.

Inferimos ainda que os conhecimentos tradicionais são saberes acumulativos, resultado da produção de sucessivas gerações onde são passados de pai para filho durante um longo período, que



se confrontou com os testes diários da experiência das necessidades do cotidiano. Os saberes não se limitam nem se esgotam num conhecimento acadêmico ou escolar. Mais que isto, os saberes não científicos ligados às populações tradicionais envolvem relações estreitas entre homem e a natureza, permeados por relações de ordens pontuais e também místicas. São conhecimentos transmitidos das gerações mais experientes para as mais jovens, principalmente pela oralidade e pelas práticas cotidianas (MORAES, 2005).

Tal constatação aparece também nas entrevistas realizadas com os mais velhos. Uma informante relata que “Eu morei aqui desde sempre nasci no quilombo grande, minha avó era índia, meu pai era negro,” como ela falou com orgulho que era “arigó,” (arigó no dicionário trabalhador braçal). Moravamna comunidade, hoje extinta chamada Quilombo Grande. A informante relatou que a sua avó de descendência índia, fazia uma bebida semelhante ou em substituição ao café. Ela vendo essa prática aprendeu o processo e hoje ela prepara a infusão conhecida como café de tucum. Trata-se do fruto da *Bactrissetosa*, espécie da família *Arecaceae*. Quando este fruto está maduro é seco e moído em pilão, extrai-se uma amêndoa. Com a amêndoa aquece-se no fogo e submete-se a moenda novamente até virar farinha. Depois de ser moído no pilão o café de tucum como é chamado pelos nativos, já está pronto para ser preparado e servido como uma bebida que substitui o café usual no dia a dia.

Observamos aqui a relevante questão da história oral que centra-se na memória humana e na sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunho vivido, desta forma o autor nos mostra que não é somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, que mobiliza lembranças inferidas pela coletividade (BURKE, 2000).

Por fim, destacamos que além de estudos químicos, biológicos, gastronômicos de espécies medicinais, aromáticas e alimentícias potenciais do litoral Paranaense, se faz necessário o estudo de multiplicação das espécies, bem como o desenvolvimento de protocolos de domesticação e cultivo, em fim, pesquisas agrônômicas destas espécies para que as populações locais possam se apropriar destes conhecimentos e das espécies, no sentido de produção para o uso sustentável das mesmas. Além de atender uma demanda local, também há a possibilidade de produção comercial agroecológica gerando desenvolvimento local e renda aos agricultores da região.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os diversos segmentos sociais podem revelar diversos aspectos sociológicos e antropológicos. O padrão de diversidade do bioma Mata Atlântica tem sido alterado de forma

severa devido ao processo de ocupação das áreas florestais, entretanto, as comunidades tradicionais possuem papel importante para a conservação local.

As comunidades do litoral do Paraná do entorno das unidades de conservação apresentam um rico histórico de uso tradicional dos recursos e grande potencial para auxiliar no avanço de pesquisas acadêmicas. Nesse aspecto, são importantes estudos que visem à perpetuação do conhecimento tradicional, uma vez que pode ser extinto em decorrência da migração dos mais novos para as cidades, isso ocasionaria a ausência da transmissão e manutenção do conhecimento, também não há registros escritos por parte dos moradores da comunidade.

Esta pesquisa se propôs a pensar como se caracteriza a produção da continuidade dos conhecimentos em relação da conservação da biodiversidade, e como a comunidade utiliza esses saberes. Os valores culturais e distintos estilos de desenvolvimento dependem dos significados socioculturais atribuídos à natureza. Isto significa que o desenvolvimento dentro desse espaço territorial torna-se possível através da compreensão desses saberes e do conhecimento das formas tradicionais de manejo dos recursos vegetais.

É indispensável à realização de novos estudos etnobotânicos sob uma perspectiva conservacionista, onde haja um respeito ao meio e também a perpetuação da identidade cultural e social na região. Com toda a sua rica biodiversidade, o litoral sofre com a pressão dos novos empreendimentos nessa área, devido a isso se faz real a preocupação com as suas reservas florestais para a preservação deste bioma.

Além das questões políticas que implicam na falta de efetividade desta política pública, cabe destacar a necessidade de organização própria dos povos e comunidades tradicionais e as possíveis contribuições acadêmicas na elaboração de planos de desenvolvimento sustentável em nível dos territórios tradicionais.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, C. **As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar.** Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2000, v. 43 n° 1.

ALENCAR, E; GOMES, M. A. O. **Metodologia de pesquisa social e diagnóstico rápido participativo.** Lavras: UFLA/FAEPE, 1998.

ALMEIDA, A. W. B. Apresentação. **Direito dos povos e das comunidades tradicionais no Brasil: declarações, convenções internacionais e dispositivos jurídicos definidores de uma política nacional.** Manaus: UEA, 2007.

ALMEIDA, A. W. B. **Terras de quilombos, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas.** 2. ed. Manaus: PGSCA-UFAM, 2008.

BARBOSA, A. M. PORTO-GONÇALVES. C. W. **Reflexões sobre a atual questão agrária brasileira: descolonizando o pensamento.** In: MENESES, P. M. VASILE, I. **Desafios aos Estudos Pós-Coloniais, As Epistemologias Sul-Sul.** Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, 2014.

BENSUSAN, N. **Conservação da Biodiversidade em áreas protegidas.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BERNARD, H. R. **Research methods in Anthropology: qualitative and quantitative approaches.** 2 ed. WalnutCreek (EUA): Altamira Press, 1995.

BUZZATO, A C. **As comunidades locais e os conflitos de uso dos recursos naturais no Litoral sul do estado do Paraná.** (Dissertação Mestrado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2009.

BURKE, Peter. História como memória social. In: \_\_\_\_\_. **Variedades de história cultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

DIEGUES, A. C. **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos.** Editora Hucitec Ltda. 2. Ed. São Paulo, 2000.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V.; SILVA, V. C. F.; FIGOLS, F. A. B, ANDRADE, D. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil.** São Paulo: NUPAUB- Núcleo de pesquisas sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras. 211 f. 2000.

DIEGUES, A. C. **Repensando e recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais.**In: VIEIRA, P. F. WEBER, J (Orgs). **Gestão de recursos naturais e renováveis e desenvolvimento: novos desafios para a pesquisa ambiental.** 3. Ed. São Paulo, 2002.

FERREIRA, M.R. **Comunidades rurais de Guaratuba-Paraná: os limites e as possibilidades da opção extrativista como meio de vida no contexto do desenvolvimento rural sustentável.** 220 f. Tese (Doutorado em Agronomia) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. **Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil.** Acta Botanica Brasilica. p. 395 – 406. 2010.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade.** In: Heidrich, A. L. et al. (Orgs). A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do humano com o espaço. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. P. 19-36B.

JEAN, B. **Do Desenvolvimento Regional ao Desenvolvimento Territorial Sustentável: Rumo a um desenvolvimento territorial solidário para um bom desenvolvimento dos territórios rurais.**

VIEIRA, P. F...[et al.] (Orgs). **Desenvolvimento territorial sustentável no Brasil: subsídios para uma política de fomento.** Florianópolis: APED: Secco, 2010.

KINUPP, V. F.; BARROS, I. B. I.; **Teores de proteínas e minerais de espécies nativas, potenciais hortaliças e frutas.** Revista Ciência e Tecnologia de Alimentos. Pg. 846 – 857. 2008.

LEITE, N. S.; LIMA, A. P.; ARAUJO-NETO, V.; ESTEVAM, C. S.; PANTALEÃO, S. M.; CAMARGO, E. A.; FERNANDES, R. P. M.; COSTA, S. K. P.; MUSCARÁ, M. N.; THOMAZZI, S. M.; **Avaliação das atividades cicatrizantes, anti-inflamatória tópica e antioxidante do extrato etanólico da *Sideroxylon obtusifolium* (Quixabeira).** Revista Brasileira de Plantas Medicinai.Pg. 164 – 170. 2015

LIMA, R. X.; **Estudos etnobotânicos em comunidades continentais da área de proteção ambiental de Guaraqueçaba-Paraná – Brasil.** 138 f. Dissertação (Mestrado em engenharia Florestal). Universidade federal do Paraná, Curitiba. 1996.

MACHADO, C. T. T.; FERNANDES, S. G.; VILELA, M. F.; CORREIA. **Capacitação, identificação e implantação de sistemas de produção de base ecológica a partir do planejamento segundo a aptidão agro-ecológica e extrativista das terras para aplicação em comunidades de agricultores no Território do Alto Rio Pardo.** Minas Gerais: Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 15p. 2010.

MOURA, E. A. **A Corozinha da Ilha do Mel: territorialidade de uma comunidade tradicional de pescadores(as) artesanais na Ponta Oeste, Paranaguá – PR.** (Dissertação Mestrado). Universidade Federal do Paraná. Matinhos. 2016.

MORAES, S. C. de. **Saberes da pesca: uma arqueologia da ciência da tradição.** 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

MOREIRA, R. C. T.; COSTA, L. C. B.; COSTA, R. C. S.; ROCHA, E. A.; **Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na vila cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil.** Acta Farmacéutica Bonaerense. v. 21, n. 3, 2002.

NEGRELLE, R. B. B e FORNAZZI, K. R. C. **Estudo etnobotânico em duas comunidades rurais (Limeira e Ribeirão Grande) de Guaratuba (Paraná- Brasil).** Rev. Bras. Plantas Medicinai, Botucatu, v. 9, n2 p. 36-54, 2007.

OLIVEIRA, S.V. DALCIN, D. **O papel da mulher rural na segurança alimentar: o caso da comunidade de Santo Antônio.** Santa Maria- RS. Acessado em 11/08/2017.

[http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST47/Oliveira-Dalcin\\_47.pdf](http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST47/Oliveira-Dalcin_47.pdf)

PEREIRA, B E. DIEGUES, A C. **Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação.**

Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 22, p. 37-50, jul./dez. 2010.

POSSE, Z. C. S.; **A população pré-histórica do litoral Paranaense, vista através dos sambaquis.** Curitiba, 1978.

RODRIGUES, L.A., CARVALHO, D.A., GOMES, L.J. & BOTREL, R.T. **Espécies vegetais nativas usadas pela população local em Luminárias, MG.** Boletim Agropecuário 52:1-34. 2002.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento : crescer sem destruir.** São Paulo. 1986.

SANTOS, P. A. **Dinâmicas de Conflitos Socioambientais: O Caso da Localidade do Salto do Parati Entorno do Parque Nacional de Saint- Hilaire/Lange, Paraná.** 111 f. Dissertação de mestrado. Matinhos – PR: UFPR- Setor Litoral. 2016.

SANTOS, R. F. E. P.; SILVA, I. S. M.; VERÍSSIMO, R. C. S. S.; LÚCIO, I. M. L.; CAMPESATTO, E. A.; CONSERVA, L. M.; BASTOS, M. L. A.; **Estudo do potencial antimicrobiano e citotóxico da espécie *Pouteria venosa* (Sapotaceae).** Revista Brasileira de Plantas Medicinai. P. 367 – 373. 2015.

SAQUET, M. A. SANTOS, R. A (organizadores). **Geografia agrária, território e desenvolvimento.** 1. Ed. São Paulo : Expressão Popular. 2010.

SAQUET, M. A. SPOSITO, E. S (Orgs). **Territórios e territorialidades: processos e conflitos.** 1 .ed. São Paulo : Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia. 2009.

SILVA, L. E.; QUADROS, D. A.; NETO, A. J. M.; **Estudo etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais utilizadas na região de Matinhos – PR.** Ciência e Natura, vol. 37, n. 2. Santa Maria, 2015.

SOBRINHO, F. A. P.; GUEDES-BRUNI, R. R.; CHRISTO, A. G.; **Uso de plantas medicinais no entrono da reserva biológica de Tinguá, Nova Iguaçu, RJ.** Revista Acadêmica de Ciências Agrárias e Ambientais.p. 195 – 206. 2011.

SOUZA, C. D.; FELFILI, J. M.; **Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil.** Acta BotanicaBrasilica. p. 135 – 142. 2006.

WEBER, Jacques, BAILLY Denis. **Prever é governar.** In: VIEIRA, Paulo Freire, WEBER, Jacques. (Orgs.). **Gestão de Recursos Naturais Renováveis e Desenvolvimento: Novos desafios para a pesquisa ambiental.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.269-302.

UMPIERRE, L. P.; **Revisão da literatura com busca sistematizada sobre produtos fitoterápicos de ação local com efeito sobre a gengivite.** UFRGS, Universidade de Odontologia. 2011.

VENDRUSCOLO, G. S.; MENTZ, L. A.; **Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil.** Acta BotanicaBrasilica. p. 367 – 382. 2006.

VIEIRA, P. B.; **Potencial anti-*Trichonasp vaginalis* de *Manilkara ararupula*: análise fitoquímica, semissíntese e mecanismo de morte do parasito.** UFRGS, Universidade de Farmácia. 2015.

ZHOURI, A. LASCHEFSKI, K. **Desenvolvimento e conflitos ambientais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.